

— RUBEM BRAGA —

MOCAMBOS

O Departamento de Saúde Publica de Recife acaba de condemnar 4.097 habitações populares conhecidas pelo nome de mocambos. Isto é que diz um telegramma que sahi hoje no "Correio do Povo".

Essa historia de mocambos já me deu muito trabalho em reportagens. E é uma historia que o resto do Brasil em geral conhece muito mal contada. Varios poetas que passaram por Recife — ou pelo Recife, como se diz lá — fizeram lindos poeminhas sobre os mocambos. Acharam doces e encantadoras aquellas cazinhas quasi dentro d'agua, perto de coqueiros oscillantes, na paisagem plana, liquida, colorida e humilde.

Deus guarde os poetas. E os proteja bem contra certas cousas da vida — morar em um mocambo, por exemplo. Na extranha cidade do Recife mais da metade da população — uma população bem maior que a de Porto Alegre — móra nos mocambos. Isso quer dizer, sem nenhum esforço literario, que móra na lama. O numero de mocambos é superior a 50 mil. Os que foram agora condemnados não chegam, portanto, a ser uma decima parte do total. A cidade está rodeada do mangue, e é juntando a lama do mangue que o homem pobre levanta sua choupana miseravel. A mais rapida observação permite dizer que aquellos logares são excellentes para a moradia. Mas para a moradia dos porcos. Estes ali vivem em grande saúde e fartura, gordos, usufruindo a boa lama. Os homens vivem mal, comendo quasi nada, com os filhos morrendo a torto e a direito e as mulheres amarellas, doentes.

O actual governo de Pernambuco está enfrentando a questão, como outros já fizeram. Não sei o que terá resolvido. O ultimo esforço que assisti para tirar aquella humanidade da lama foi feito pelo general Manoel Rabello, então commandante da Região Militar. O general fracassou, e disse claramente porque: porque ha

duas classes influentes contrarias á solução do problema.

A primeira — disse elle — é a dos industriaes e dos grandes commerciantes da capital. Pagando actualmente salarios baixissimos aos operarios, elles acham que no dia em que estes morarem como homens, em casas, e não como porcos, na lama, precisarão de salarios maiores. A outra classe é a dos proprietarios do mangue. Esses latifundiarios da lama ganham bom dinheiro alugando mocambos ou cobrando o chamado "imposto do chão", quando o mocambo é construido pelo morador. A mudança daquella gente fará com que a lama volte a ter seu justo valor, que é nenhum. Conheci um desses proprietarios, um portuguez chamado Mostardinha — e examinando bem o seu caso, conversando com algumas dezenas dos muitos milhares de seus inquilinos, conclui que difficilmente haverá neste paiz um systema mais torpe e desumano de explorar a miseria do que o latifundio da lama.

Mando, daqui de Porto Alegre, meus parabens á Saúde Publica do Recife, que está forçando a solução do problema. Poucas cidades do Brasil merecem tanto meu amor como a cidade do Recife, a heroica, a pobre, a eternamente libertária cidade do Recife, tão cheia de poesia, de pitoresco e de força humana, onde vivi talvez a parte mais intensa de minha vida. Mas detesto a poesia facil dos mocambos, poesia fabricada á custa de muita miséria, de muita doença, de muito desespero dos outros. Tirar aquella gente da lama é salvar para o Brasil uma grande multidão de valores.



PARA BRUNO LICHTENSTEIN — Recebi, hoje, uma carta a seu respeito. Si puder, appareça aqui na redacção amanhã, entre ás 11 e meia e o meio dia. — R. B.